

ENTRE A EMIGRAÇÃO E O EXÍLIO: UM ESTUDO DA TEMÁTICA DO AFASTAMENTO DA TERRA NATAL EM A CAVERNA, DE JOSÉ SARAMAGO

Aline Scavazini de Matos Galvão (PUC-SP)¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a temática do exílio no romance *A Caverna* (2000), de José Saramago, utilizando como apoio as declarações do autor sobre o tema em questão, além de pronunciamentos de outros intelectuais como: Edward Said, Julia Kristeva e Milan Kundera, escolhidos por causa de sua condição de “exilados”, mas também por terem uma produção sistemática em torno desse assunto. Nosso método será o de observar o modo como a temática do exílio é entendida e trabalhada por Saramago no romance, contrapondo a visão de exílio resultante desse processo às propostas feitas pelos teóricos que discutiram a temática do afastamento da terra natal.

Palavras-chave: intelectualidade; emigração; exílio; José Saramago.

Entre a emigração e o exílio: uma tentativa de definição

Ao tratarmos da questão do exílio, buscaremos orientar nossas reflexões em dois sentidos: há quem veja no exílio, após cuidadoso balanço, um saldo positivo; há ainda os que chegam à conclusão oposta. Dentre as opiniões variadas que ajudarão a compor esse quadro, destacam-se as contribuições de Edward Said, Julia Kristeva e Milan Kundera.

Edward Said (2003), no ensaio “Reflexões sobre o exílio”, discute o tema em questão de modo enriquecedor, abordando-o sob diversos aspectos; no entanto, o que chama a atenção inicialmente é a necessidade que Said demonstra de expor ao

¹ Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária - PUC-SP, bolsista CAPES. E-mail: ascavazini@terra.com.br.

leitor que o exílio não é uma coisa boa, isto é, ele tem aspectos positivos, mas no final seu saldo é negativo. O autor abre sua discussão afirmando:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (Said 2003: 46)

Para Said, o exílio não é uma questão de escolha; daí a necessidade que ele tem de distinguir o exílio de outras formas de afastamento da terra natal. Ser expulso de sua terra e impedido de voltar a ela é o que define a condição do exilado. Há também os expatriados, aqueles que “moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais” (Said 2003: 54). Já os emigrados seriam aqueles que, para Said, encontram-se em uma situação ambígua: podem ou não ter escolhido abandonar seu país; é possível, em alguns casos, que eles sejam vistos como pioneiros e construtores de uma nova nação, o que os coloca em uma situação bem diferente daquela vivida pelos exilados.

A partir dessas distinções, compreende-se melhor a opinião de Said sobre alguns casos de intelectuais “exilados” citados em seu texto, como é o caso de James Joyce e Vladimir Nabokov. Sobre o primeiro, Said afirma: “James Joyce escolheu o exílio, para dar força à sua vocação artística” (Said 2003: 55), mantendo uma relação conflituosa com a Irlanda propositalmente. De acordo com Richard Ellmann, autor de uma biografia sobre o romancista irlandês citada por Said, “sempre que suas relações com a terra natal corriam o perigo de melhorar, ele achava um novo incidente para solidificar sua intransigência e reafirmar a correção de sua ausência voluntária” (Said 2003: 56). Nesse ponto, convém nos questionarmos: o que teria levado Joyce a adotar essa posição? Quais seriam os benefícios do exílio? De que modo se justifica a escolha de viver como exilado? A essas perguntas, Said oferece uma possibilidade de resposta:

Ver o mundo inteiro como uma terra estrangeira possibilita a originalidade da visão. A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar emprestada uma palavra da música – é *contrapontística*. (Said 2003: 59)

No ensaio “Entre mundos”, Said (2003) confessa que seu próprio pensamento é contrapontístico, que as metades díspares de sua experiência (árabe e americana) o ajudaram a definir sua visão sobre essas duas culturas. Mas, em vez de enaltecer sua posição e vangloriar-se de seus benefícios, Said fala com pesar da constatação de que, de alguma maneira, seu passado foi anulado para que ele pudesse gozar de sua posição atual.

Leyla Perrone-Moisés (2007), no ensaio “Edward W. Said, um intelectual fora de lugar”, lembra que Said escreveu sua autobiografia e a intitulou *Out of place* (fora de lugar); segundo ela, “ser difícil de situar já é uma primeira razão para que dele desconfiem” (Perrone-Moisés 2007: 159), mas que fazem dele um humanista indispensável para que se pense o mundo em que vivemos.

Seguindo os passos de Said, e adotando uma visão contrapontística do exílio, percebemos o quanto as opiniões sobre esse assunto variam e revelam muito sobre o lugar do indivíduo que emite um juízo sobre esse tema tão complexo ocupa no mundo; se o comentário vem de alguém que viveu essa situação, predomina o tom melancólico; se, por outro lado, vem de alguém que nasceu e viveu em seu país sem ter sido obrigado (por razões variadas) a abandoná-lo, parece mais fácil ver o lado positivo de se viver como exilado.

Paul Zumthor (2005), em *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*, faz alguns comentários sobre a “Inserção dos Imigrantes” e declara-se um imigrante de uma categoria especial, ao refletir sobre sua relação com Québec, onde já vivia há aproximadamente vinte anos. O crítico suíço reflete sobre o significado dos termos “integração” e “assimilação” e se pergunta, após todos esses anos vivendo no Canadá, se teria ele chegado a uma integração definitiva, de completude? Sua conclusão é a seguinte:

Não estou certo. Para um imigrante, para o nômade involuntário, a questão existencial é provavelmente esta: quando se apagará a consciência de estar em outra parte? Em outra parte que não o lugar em que se nasceu; outra parte talvez para além de uma certa imagem de si mesmo acalentada, com ou sem razão. (Zumthor 2005: 185)

É preciso destacar que nem sempre os exilados se veem como vítimas e lamentam profundamente terem tido esse destino. Um caso bastante emblemático é o do escritor Milan Kundera. Em seu romance *A Ignorância*, publicado em 2000, o autor tcheco conta a história de dois exilados: Irena e Josef. Ambos deixam seu país, por razões essencialmente políticas, para viver no exterior (França e Dinamarca, respectivamente), e após alguns anos retornam à sua pátria. Um problema se impõe aos dois emigrados: o não reconhecimento de sua própria terra natal, além de uma forte impressão de que seus compatriotas não têm interesse algum em saber como a oportunidade de viver em outro país mudou a visão que ambos tinham de sua própria cultura. Um exemplo muito curioso ocorre quando Irena, ao reencontrar em Praga algumas amigas que não via há aproximadamente vinte anos, resolve oferecer

a elas algo que tinha aprendido a apreciar durante sua vida na França: o vinho. As mulheres, no entanto, recusam essa oferta e manifestam sua preferência pela bebida típica da região: a cerveja. Irena sente essa rejeição como desprezo pela vida que viveu na França, enquanto suas colegas parecem não compreender o motivo que levou Irena a agir dessa forma; afinal, após tantos anos distante de seu país, ela não deveria ter feito de tudo para se manter fiel a ele? Essa fidelidade pode ser vista como a tentativa de manter no exterior os mesmos hábitos que se tinha em casa. Ou ainda, mesmo que fosse difícil mantê-los longe de seu país, nada mais natural do que torcer para voltar logo e poder novamente pô-los em prática. Para as amigas de Irena, a amiga exilada deveria querer mais do que tudo beber a cerveja tcheca da qual ficou afastada por tanto tempo, e não oferecer a elas a bebida que aprendeu a apreciar enquanto vivia na França. Irena, após esse episódio lembra-se de Sylvie, sua amiga francesa que a incitou a voltar a Praga, e dirige-se a ela em pensamento dizendo:

E você sabe, Sylvie, hoje compreendi: eu poderia viver de novo, com eles, mas com a condição de que, tudo o que vivi com você, com os franceses, eu depositasse solenemente no altar da pátria e pusesse fogo. Vinte anos da minha vida passados no estrangeiro se transformarão em fumaça numa cerimônia sagrada. E as mulheres cantarão e dançarão comigo em volta da fogueira com suas canecas de cerveja erguidas nas mãos. É o preço a pagar para que eu seja perdoada. Para que seja aceita. Para que torne a ser uma delas. (Kundera 2002: 40)

Kundera mostra, dessa maneira, como a questão do exílio pode ser complexa também do ponto de vista dos exilados, pois não são todos eles que passam a vida no exílio sonhando com o grande retorno. No texto “L'exil libérateur selon Vera Linhartova” publicado no livro *Une Rencontre* (2009), o autor tcheco discute uma questão ainda mais complicada: a relação entre um escritor, um artista da palavra, e sua língua-mãe. Tomando o exemplo da poeta tcheca Vera Linhartova, que após ter deixado seu país e ter ido viver na França, deixou também de escrever em tcheco e passou a escrever em francês (situação, inclusive, idêntica à do próprio Kundera que, inicialmente, escrevia em tcheco, mesmo vivendo na França, mas que há aproximadamente vinte anos só publica livros escritos em francês), Kundera toca em uma questão bastante polêmica e se pergunta: quando Linhartova escreve em francês ela ainda é uma escritora tcheca? Ou ela se transforma em uma escritora francesa? A ambas as perguntas a resposta é não. Linhartova está além desse tipo de classificação. Citando a própria poeta:

Eu escolhi não somente o lugar onde queria viver, mas também a língua que eu queria falar. Frequentemente, nós afirmamos que, mais do que qualquer um, o escritor não tem liberdade de escolha, pois permanece ligado à sua língua por um elo indissolúvel. Eu creio que se trata de

mais um desses mitos que servem de desculpa a pessoas covardes, pois o escritor não é prisioneiro de língua alguma. (Kundera 2009: 124)²

Sem ter a intenção de impor o caso de Vera Linhartova como modelo a ser seguido, Kundera quer chamar a atenção para aspectos da vida de um exilado que não estão de acordo com a imagem que normalmente se faz dele. Reforçando essa visão temos as palavras de Julia Kristeva, também uma “emigrante”, nascida na Bulgária e residente na França há muitos anos:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um *sursis*, de ter escapado. (Kristeva 1994: 15)

Sybil Safdie Douek (2003), no livro *Memória e exílio*, relembra que, em muitos episódios bíblicos (Adão e Eva, e Caim), o exílio aparece como castigo ou punição, mas não é o que ocorre no caso de Abraão:

O exílio de Abraão, prenhe de promessas de um futuro regado a leite e mel, é a decisão de um homem, o primeiro dos patriarcas hebreus: é assim que a história do judaísmo inicia-se com uma partida (...) que não é fuga nem castigo, mas abertura e promessa. Se o primeiro exílio, exílio originário e fundante, não se erige sob o signo da negatividade, parece possível pensar o exílio não somente como condição negativa, mas sob a marca da positividade. (Douek 2003: 159)

Diante de tantos posicionamentos distintos, é indubitável que a questão do exílio não pode ser abordada de modo simplista, afinal, há muitas formas de se posicionar diante dela; nesse sentido, as visões oferecidas por Edward Said, Julia Kristeva e pelo próprio Kundera, cada um destacando um aspecto diferente da vida de um exilado, nos proporcionam uma rica reflexão sobre esse tema, na medida em que se contrapõem em alguns momentos, ou se identificam em outros, mostrando o quanto o assunto em questão é complexo e não pode ser tratado com a simplicidade de reduzi-lo a um ponto de vista apenas.

² Tradução livre.

Saramago e o exílio

A relação entre um indivíduo e sua pátria é sempre motivo de muita reflexão; com o passar do tempo, no entanto, o modo de analisar essa relação começou a mudar; a globalização, a diminuição das distâncias e a uniformização de culturas interferem profundamente nos laços que unem uma pessoa à sua terra natal. Se no passado, ser expulso de sua terra e obrigado a viver no exterior representava uma punição gravíssima, hoje já não vemos com tanto sofrimento o fato de alguém ter de viver em um país que não é o seu por nascimento. Muitos, inclusive, desejam viver essa experiência, seja por razões econômicas ou culturais. Entretanto, mesmo com todas essas mudanças, é inegável que a ligação de um indivíduo com sua terra ainda tem muita importância e, às vezes, é apenas estando longe de seu país que alguém consegue perceber o peso dessa relação.

Saramago, mesmo antes de mudar-se para Lanzarote, mostrou uma forte ligação com sua terra: Portugal. Em 1989, em uma entrevista concedida ao jornal *El País*, o escritor português afirmou:

Não sei até que ponto este país [Portugal] precisa de mim, mas sei até que ponto eu preciso dele. Este país agrada-me até naquilo que tem de menos bom. Há uma relação muito mais importante do que isso que se chama patriotismo; é uma relação carnal, de raízes. Tenho-a. Sobretudo, procuro saber quem sou, nunca como um ser individual, mas como alguém que está nesta coisa que é um povo e uma história. (Aguilera 2010: 99)

Vê-se, portanto, o quanto Saramago estava consciente da influência que o fato de ter nascido em Portugal tinha na formação de sua personalidade; ele propõe uma relação entre o indivíduo e sua terra que está além do conceito de patriotismo, que Said define como “uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural”, Saramago vê na relação entre um indivíduo e sua terra uma dependência quase que orgânica, daí a utilização dos termos “carnal” e “raízes”; é menos uma declaração de pertencer e mais uma constatação de que se está ligado a sua terra por laços mais fortes do que a vontade determina, e mesmo que se faça a escolha de viver em outro lugar, a ligação com a terra natal não será substituída por uma nova ligação, igualmente poderosa, entre o indivíduo e seu novo lar.

Alguns anos mais tarde, precisamente em 1993, Saramago muda-se para Lanzarote e, inevitavelmente, surgem comentários em torno dessa decisão. A imprensa tenta rotular o escritor português de “exilado”, termo que ele mesmo rejeita, pois lhe parece muito radical, colocando-o numa posição de vítima perseguida por um governo injusto. Inúmeras vezes, Saramago tenta explicar o que de fato o fez tomar essa decisão. Em 2005, em uma entrevista dada ao jornal *Visão*, ele declara:

O mal de amor de José Saramago pela Pátria é conhecido. Pago todos os impostos em Portugal e voto em Portugal. Se não vivo em Portugal é porque fui maltratado, publicamente ofendido pelo governo de Cavaco Silva, de que era secretário de Estado da Cultura Santana Lopes e subsecretário Sousa Lara. E no governo, a que pertencia Durão Barroso, não se levantou uma única voz dizendo “isto é um disparate, isto não se faz!”. Outro dia alguém falou no caso ao primeiro-ministro, que disse querer arrumar o assunto: vinha a Espanha e teria muito gosto em almoçar comigo. Assim, durante o almoço, provavelmente entre a fruta e o queijo, ele diria “vamos pôr uma pedra sobre o assunto, não se fala mais nisso”; e eu diria, “sim, senhor, vamos pôr”. Só que comigo as coisas não são assim. Ofensa pública, desculpas públicas. (Aguilera 2010: 103)

Por nunca ter tido as desculpas públicas de que precisava para “fazer as pazes” com Portugal, Saramago viveu até seus últimos dias em Lanzarote, onde morreu em 2010, alguns anos depois de ter dado a declaração acima.

Saramago sabia, ao publicar *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, que a obra seria criticada pela Igreja, que a consideraria uma blasfêmia. Segundo João Marques Lopes (2010), autor de uma biografia de Saramago, o que o autor português não previra era que a obra fosse alvo de censura decretada a partir do próprio governo do país. O responsável pela polêmica, o subsecretário Sousa Lara, excluiu a obra de Saramago da lista de obras que concorreriam ao Prêmio Literário Europeu e justificou sua decisão dizendo que a obra era “profundamente polêmica, pois atacava princípios que têm a ver com o patrimônio religioso dos cristãos e, portanto, longe de unir os portugueses, desune-os naquilo que é seu patrimônio espiritual” (Lopes 2010: 126). Tratando-se de uma censura de caráter religioso, não tardou para que a imprensa começasse a comparar Saramago a Salman Rushdie, que ao publicar *Os versos satânicos*, foi perseguido pelos fundamentalistas islâmicos. Saramago tratou de esclarecer essa questão, afirmando que sua ida para Lanzarote não tinha o caráter de “fuga”; a situação de Salman Rushdie era bem mais grave, pois tinha sido condenado à morte pelo Aiatolá Khomeini. O que levou Saramago a deixar Portugal não foi o medo de ser hostilizado pelo povo português, mas a mágoa por ter sido censurado pelo governo em nome de questões religiosas.

Muito do que se sabe a respeito da opinião de Saramago em relação à questão do exílio encontra-se em declarações dadas por ele à imprensa, justamente por conta de sua mudança para Lanzarote. No entanto, olhando para sua obra ficcional é possível encontrar também manifestações de sua visão sobre o assunto em questão. Não que o autor português tenha criado uma obra de ficção que tratasse exclusivamente do exílio, mesmo porque esse tema se mostrou bastante complexo e difícil de delimitar, tendo em vista os diversos motivos que levam alguém a deixar sua terra natal, além das inúmeras possibilidades de ver a condição de vida dessas pessoas em terra estrangeira. No entanto, o romance *A Caverna* traz alguns elementos

interessantes quanto à questão complexa dos laços que unem um indivíduo a sua terra, e por esse motivo foi escolhido como ponto de partida para nossa reflexão, na medida em que vemos nessa obra uma possibilidade de pensar o modo como o afastamento da terra natal é necessário para que se dê o processo de amadurecimento intelectual de um indivíduo.

Após a publicação de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (e a polêmica decorrente a partir da publicação do romance) acontece sua mudança para Lanzarote. Em seguida, Saramago publica *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e, na sequência, *Todos os nomes* (1997) e *A Caverna* (2000). Esses romances, chamados por Saramago de “trilogia involuntária”, têm em comum o fato de serem alegorias que funcionam como distopias de um mundo abandonado pela razão – leitura essa proposta pelo próprio Saramago, que escreveu nos *Cadernos de Lanzarote*, a respeito do *Ensaio sobre a cegueira*:

À medida que ia falando, tornava-se-me cada vez mais claro quanto a mim próprio me inquieta o pessimismo deste livro. *Imago mundi* lhe chamei, já em conversa com o Luiz Francisco Rebello, visão aterradora de um mundo trágico. Desta vez, a expressão do pessimismo de um escritor de Portugal não vai manifestar-se pelos habituais canais do lirismo melancólico que nos caracteriza. Será cruel, descarnado, nem o estilo lá estará para lhe suavizar as arestas. No *Ensaio* não se lacrimam as mágoas íntimas de personagens inventadas, o que ali se estará gritando é esta interminável e absurda dor do mundo. (Saramago 1997: 496)

O exílio em *A Caverna*

A Caverna, romance visto como parte desse ciclo de alegorias distópicas, foi lido, frequentemente, como uma crítica ao pensamento único, proposto pelo mercado e representado na obra pelo Centro. A crítica reagiu ao romance, o primeiro a ser publicado após Saramago ter recebido o prêmio Nobel, de forma variada; alguns chegaram mesmo a fazer comentários bastante negativos. No *Diário de Notícias* de 20 de janeiro de 2001, Pedro Mexia afirmou:

A Caverna, a mais recente alegoria de Saramago, é, nem de propósito, o seu pior romance, o mais pomposo, o mais escrito do pedestal, chegando a ser ridículo em certas passagens [...] na verdade, estamos diante de uma litania reacionária contra a tecnologia e o progresso. (Lopes 2010: 158)

Longe de concordarmos com esse parecer, servimo-nos dele apenas com o propósito de ilustrar as críticas que foram feitas ao romance, acusando-o de ser

panfletário e pouco admirável no sentido estético. Muitas outras vozes, no entanto, se levantaram no sentido oposto. Luciana Alves do Santos (2010), em *Mito e utopia em A Caverna de José Saramago: o despertar da consciência*, conclui após um detalhado processo de análise da obra:

Podemos notar que o romance constrói o leitor que deseja para si, pois sua composição estética permite a contaminação desse leitor tal qual ocorre com a personagem Marçal. Nesse sentido, a obra é para o leitor, o espaço de percepção, de embate, de abertura e constatação, assim como fora a caverna para as personagens de Saramago. O leitor sente o impacto da luz após sair da escuridão. Portanto, não apenas o escritor é metaforizado no romance pela figura de Cipriano Algor, mas também o leitor, na representação de Marçal. (Santos 2010: 145)

Dessa forma, mostrando que o romance em questão foi muitas vezes lido de uma forma redutora, partimos para uma leitura de *A Caverna* como uma obra que, além de falar sobre os perigos de uma sociedade regida pelas leis do mercado, também pode ser lida como a representação do percurso seguido por Cipriano Algor, protagonista do romance, em direção ao despertar da consciência. Nesse sentido, buscaremos mostrar em que medida o afastamento do oleiro da terra em que nasceu e viveu toda a sua vida foi essencial no seu processo de descoberta e amadurecimento intelectual.

O romance apresenta dois espaços bem marcados: a Olaria e o Centro. Cipriano, nascido e criado na Olaria, pôde conhecer o Centro na medida em que, periodicamente, realizava a entrega dos produtos que fabricava na Olaria. Esse deslocamento possibilitou ao protagonista conhecer (ainda que superficialmente) uma realidade diferente da sua. Talvez, se Cipriano nunca tivesse saído do vilarejo em que vivia, sua visão do Centro teria sido mais idealizada e o oleiro não teria tido a oportunidade de amadurecer sua reflexão quanto ao significado dos dois espaços pelos quais transitava. Há, no início do romance, uma passagem que reflete essa questão: ao voltar de uma de suas idas ao Centro, depois de ter sua mercadoria rejeitada, Cipriano decide parar sua furgoneta na região das barracas, onde normalmente havia muitos assaltos, e esperar para ser roubado; no entanto, em vez de se aproximar da furgoneta para roubar sua carga, um homem se aproxima para oferecer-lhe ajuda; comovido, o oleiro decide dar algumas de suas louças ao homem, que agradece. Nesse momento, o narrador comenta:

O que isto quer dizer é que saberíamos muito mais das complexidades da vida se nos aplicássemos a estudar com afinco as suas contradições em vez de perdermos tanto tempo com as identidades e as coerências, que essas têm obrigação de explicar-se por si mesmas. (Saramago 2000: 26)

Nota-se, a partir desse comentário, o quanto é importante travar contato com o desconhecido, com o outro, para de fato conhecê-lo. A imagem que Cipriano tinha dos moradores das barracas, produto do que havia ouvido falar, entrou em conflito com o que ele de fato viu, pois ao esperar por um ladrão, encontrou alguém que lhe veio oferecer ajuda. Da mesma forma, se nunca tivesse ido ao Centro, poderia achar que era um ótimo lugar para viver, mas tendo já passado por lá algumas vezes, a impressão que Cipriano tinha não era nada boa, tanto que ao ouvir o genro falando da possibilidade de irem viver no Centro, Cipriano reage com descontentamento, ao que Marçal reage:

Viver no Centro não é nenhum degredo, disse Marçal, Não sei como será viver no Centro, sabê-lo-ei quando para lá for, mas tu, sim, tu já o sabes, e da tua boca nunca se ouviu uma explicação, um relato, uma descrição que me fizesse perceber, o que se chama realmente perceber, isso que, tão seguro de ti, afirmaste não ser um degredo. (Saramago 2000: 258)

De fato, Cipriano só irá confirmar suas expectativas quando, não tendo alternativa, se vê obrigado a ir morar no Centro com a filha e o genro. Estando lá, a atitude de Cipriano será a de um explorador que, inicialmente, faz o reconhecimento do território desconhecido. Quanto a essa postura, afirma-se:

O que restava ao pai de Marta, se não queria passar o resto da vida a bocejar e a dar, figuradamente, com a cabeça nas paredes do seu cárcere interior, era lançar-se à descoberta e à investigação metódica da ilha maravilhosa para onde o tinham trazido depois do naufrágio. (Saramago 2000: 309)

Após alguns passeios, que, aliás, mostram um Cipriano quase seduzido pelas maravilhas do Centro, temos a confirmação de que o oleiro ainda se mantém firme em suas opiniões contrárias ao Centro, pois ao ouvir da filha: “Interessa-lhe muito tudo o que aí há fora, perguntou Marta, pense duas vezes antes de me responder, Bastou-me pensar uma, não me interessa nada, apenas finjo” (Saramago 2000: 323). O que impede Cipriano de ser conquistado pelas maravilhas do Centro é o conhecimento do que há do lado de fora; ao explorar a sala das sensações naturais – onde os moradores do Centro iam para tomar chuva, ou enfrentar uma nevasca – o oleiro se espanta com o fato de que alguém pudesse pagar para ter essa experiência, já que fora do Centro (no mundo real) tudo aquilo era normal, corriqueiro; ao fazer esse comentário para um dos veteranos (moradores do Centro que já tinham frequentado várias vezes a sala das sensações naturais), Cipriano ouve a seguinte frase: “Tenho pena de si, nunca poderá compreender” (Saramago 2000: 314). De fato, assim como o morador do Centro, que nunca esteve do lado de fora, nunca compreenderá o comentário de Cipriano, o oleiro também não é capaz de

compreender o significado daquela experiência para alguém que nunca saiu do Centro, que ali nasceu e passou toda a sua vida, sem ter tido sequer uma breve experiência em uma realidade diferente da que está acostumado; e que está, portanto, longe do caminho do amadurecimento intelectual e do autoconhecimento.

A história de Cipriano Algor ilustra esse percurso de amadurecimento intelectual, a jornada de um homem profundamente ligado a sua terra – simbolizada pela olaria – que se vê impelido a abandoná-la e ir viver em um lugar estranho, do qual pouco conhecia, mas que nunca tinha exercido sobre ele o fascínio que exercia sobre outros. A postura de Cipriano diante do novo, sua curiosidade em conhecer a terra estrangeira e tentar entender os nativos, fizeram dele um explorador destemido, que não se privou de experimentar as “delícias” locais, mas que chegou à conclusão de que tudo não passava de ilusão, uma armadilha sedutora na qual muitos caíram; ele, no entanto, percebe que é preciso ir embora antes que isso aconteça, mas voltar para sua terra não é uma opção; assim, apontando para um futuro incerto, acaba o romance: Cipriano já não pertence a espaço algum, nem à Olaria, nem ao Centro; e é nesse ponto que a personagem se torna símbolo da condição do exilado, condição que Saramago propõe como a ideal para o verdadeiro intelectual e que ele mesmo escolheu para si ao abandonar Portugal e ir viver em Lanzarote.

BETWEEN EMIGRATION AND EXILE: A THEMATIC STUDY OF DEPARTURE FROM THE HOMELAND IN *A CAVERNA*, BY JOSÉ SARAMAGO

Abstract: The aim of this paper is to analyze the thematic involving the exile, which is present in the novel *A caverna* (2000), by José Saramago, using as support the author's statements about this theme, together with other intellectuals who made comments on this subject such as: Edward Said, Julia Kristeva and Milan Kundera, chosen because of their condition of “exiled”, but also because they have a systematic production around this topic. Our method will be to observe the way the motif of exile is understood and worked by Saramago in the novel, opposing the view of exile resultant of this process to the proposals made by the theorists who have discussed the thematic of departure from the homeland.

Keywords: intellectuality; emigration; exile; José Saramago.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Fernando Gómez. *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar, Bernardo Ajzenberg, Eduardo Brandão, Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOUEK, Sybil Safdie. Memória judaica: a festa de Pessach. In: _____. *Memória e exílio*. São Paulo: Escuta, 2003, pp.123-159.

KRISTEVA, Julia. Tocata e fuga para o estrangeiro. In: _____. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 9-46.

KUNDERA, Milan. *A Ignorância*. Tradução: Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *L'exile libérateur selon Vera Linhartova*. In: _____. *Une Rencontre*. France: Éditions Gallimard, 2009, pp. 123-125.

LOPES, João Marques. *Saramago - Biografia*. São Paulo: Leya, 2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Edward W. Said, um intelectual fora de lugar. In: _____. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 159-165.

SAID, Edward W. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 46-60.

_____. *Entre mundos*. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 301-315.

SANTOS, Luciana Alves dos. *Mito e utopia em A Caverna de José Saramago: o despertar da consciência*. Dissertação de Mestrado. Programa de Literatura e Crítica Literária. PUC-SP. São Paulo, 2010. Dissertação indicada para publicação pela Câmara de Pós Graduação da PUC-SP/ Prêmio 2011 - Melhor Dissertação de Mestrado da Universidade. Obra no prelo (EDUC - 2012).

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira Queiroz. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

ARTIGO RECEBIDO EM 31/08/2012 E APROVADO EM 03/10/2012.